

Novos Rumos

NOTICIÁRIO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA



Lar de Tereza - Instituição Espírita Cristã de Estudo e Caridade
Av. N. Sra. de Copacabana, 709 Grs. 501 a 504, 506 e 508
Copacabana - CEP: 22050.002 - www.lardetereza.org.br

Nº 87/2012

EDITORIAL

Em 2004, os espíritas comemoraram os 200 anos do nascimento de Allan Kardec, pseudônimo do Professor Rivail; em 2007, os 150 anos da 1ª edição de **O Livro dos Espíritos**; em 2010, 100 anos de nascimento de Chico Xavier. Muitos outros eventos podem ser citados como representativos para a Doutrina Espírita.

Essa introdução pretende levar a outra data: 150 anos de **Viagem Espírita**, em 1862, editada em livro e que divulga, além de uma crônica de viagem, o pensamento do Codificador, em discursos, principalmente à comunidade espírita de Lyon, sua terra natal.

Recordar os primeiros passos da Doutrina Espírita em terras europeias, é importante.

Importa, mais, porém, estudar as Diretrizes que nortearam o Movimento Espírita nascente e não permanecer na comemoração superficial de datas o que, todos sabemos, é mais fácil de realizar.

Consideremos, nessa oportunidade, uma observação de Allan Kardec, no discurso pronunciado nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeuax.

“Entre os que adotam as ideias espíritas há, como bem sabeis, três categorias bem distintas:

1. Os que creem pura e simplesmente nos fenômenos das manifestações, mas que deles não deduzem qualquer consequência moral;

2. Os que percebem o alcance moral, mas o aplicam aos outros e não a si mesmos;

3. Os que aceitam pessoalmente todas as consequências da doutrina e que praticam ou

se esforçam por praticar sua moral.”

Reconhecemos, atualmente, as categorias mencionadas, em nossas atividades da Casa Espírita? Sim, certamente.

Diante da imaturidade espiritual que ainda nos caracteriza e que não mostramos empenho e responsabilidade para transformar, somos muito poucos os que alcançaram a última categoria.

O Livro dos Espíritos, editado há 155 anos, trazendo uma nova visão de mundo para a humanidade, ainda apresenta conteúdo desconhecido para a maioria dos seguidores da Doutrina Espírita.

Reflitamos.

As leituras curtas ou superficiais são acessíveis ao nosso reduzido entendimento? Por quê?

Elaboramos esforços para melhor compreensão e disciplinamo-nos para o estudo?

Com quais encarnados os Espíritos Superiores, sob a direção do Cristo de Deus, podem contar para a grande luta que se destina à transformação moral da Humanidade?

Reflitamos sempre. **O Novos Rumos** nos presenteia com mensagens, não apenas belas, mas profundas e lúcidas. Os Espíritos que nos orientam e escrevem-nos, seriamente, esperam que aproveitemos as lições e que as convertamos em frutos úteis no grande campo de trabalho que Jesus nos concede.



MENSAGEM DO MÊS

Donativo da Alma

“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.”

Jesus (Mateus, 5:7)

“A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico.”

(cap. 10, Item 4)



Reflete nas provações alheias e auxilia incessantemente.

Louvado para sempre o trabalho honesto com que te dispões a minorar as dificuldades dos semelhantes, ensinando-lhes a encontrar a felicidade, através do esforço digno.

Bendita a moeda que deixa escorregar nas mãos fatigadas que se constroem a implorar o socorro público.

Inesquecível a operação da beneficência, com a qual te desfazes de recursos diversos para que não haja penúria na vizinhança.

Abençoado o dia de serviço gratuito que prestas no amparo aos companheiros menos felizes.

Enaltecido o devotamento que empregas na instrução aos viajores do mundo, que ainda se debatem nos labirintos da ignorância.

Glorificado o conselho fraterno com que te decides a mostrar o melhor caminho. Santo o remédio com que alivias a dor.

Inolvidáveis todos os investimentos que realizas no Instituto Universal da Providência Divina, quando entregas a benefício dos outros o concurso

financeiro, a página educativa, a peça de roupa, o litro de leite, o cobertor aconchegante, o momento de consolo, o gesto de solidariedade, o prato de pão...

Não se pode esquecer que Jesus consignou por crédito sublime da alma, no Reino de Deus, o simples copo de água que se dê no mundo em seu nome.

Entretanto, mil vezes bem-aventurada seja cada hora de tua paciência diante daqueles que não te compreendam ou te esqueçam, te firam ou te achincalhem, porque a paciência, invariavelmente feita de bondade e silêncio, abnegação e esquecimento do mal, é donativo essencialmente da alma, benção da fonte divina, do amor, que jorra das nascentes do sacrifício, seja formada no suor da humildade ou no pranto oculto do coração.

Emmanuel

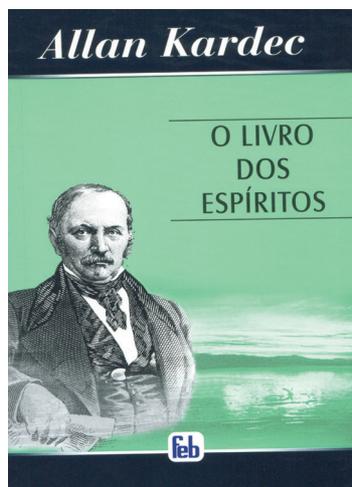
Do livro:

Livro da Esperança ●

À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Oração

D.Villela



Na tradição cristã existem situações – como a do suicida e a do criminoso que morre galvanizado no ódio – que implicariam em condenação irrevogável ao sofrimento eterno, achando-se os nossos irmãos nelas incursos definitivamente incapacitados ao progresso e à recepção de quaisquer benefícios provenientes do amor de nosso Pai. Tais ideias, no entanto, começam a ser questionadas pelo moderno pensamento teológico, de vez que, de certa forma, equivaleriam a uma falha na Criação Divina, indicando que o Criador, em casos como estes, teria perdido o controle de sua obra, mostrando-se incapaz de educar seus filhos, como se espera dos pais humanos, vendo-se na contingência de encaminhar muitos deles a sofrimentos cruéis por toda a eternidade. Não percebiam os religiosos na Antiguidade, quando esses conceitos foram elaborados, o absurdo de atribuir tais atitudes ao Criador, apresentado, então, com as mesmas características dos monarcas humanos e só bem mais tarde como Senhor de inteligência e bondade soberanas, o Pai, a que se referia Jesus.

As religiões reencarnacionistas jamais fizeram tais suposições por saberem que a Suprema Bondade a tudo preside, a todos educando para a felicidade mediante o conhecimento e a vivência das Leis Divinas. Sabemos, no entanto, que pes-

soas superficialmente informadas acerca da reencarnação e do mecanismo da causalidade propõem a não intervenção nas situações de sofrimento, afirmando que elas decorrem do princípio de causa e efeito (o carma, como também é chamado), devendo seguir seu curso para melhor beneficiarem antigos infratores, que, assim, mais rapidamente resgatam seus débitos. O Espiritismo, como sabemos, demonstra o equívoco de tal suposição, esclarecendo que nos achamos todos em um amplo processo educativo, que inclui a causalidade, e no qual, nós, seres humanos – com ou sem a consciência desse fato – somos agentes das Leis Divinas na promoção do bem, convidados a fazê-lo sempre e em toda a parte, inclusive minorando a dificuldade e o sofrimento alheios, na certeza de que nossa ação estará invariavelmente condicionada a limites estabelecidos pela Divina Bondade.

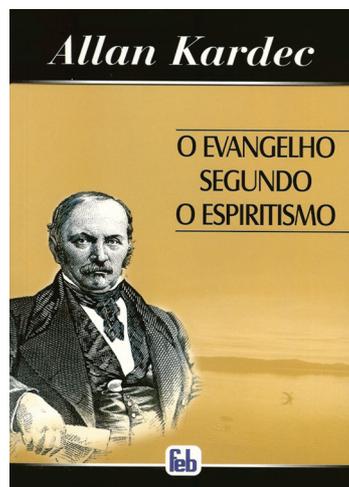
A questão da prece pelos chamados mortos é particularmente delicada para os que imaginam que vivemos apenas uma vez na Terra, tendo, após essa oportunidade única, definitivamente fixado o nosso destino após a morte. Tal noção, como lembramos acima, atualmente começa a ser reavaliada.

Consoante a Doutrina Espírita somos convidados a ajudar encarnados e desencarnados, e a prece constitui valioso recurso para nossa ação, pois existimos, todos, na realidade sem limites da Onipresença Divina, sendo livres para fazer o bem, onde, quando, como e quanto quisermos, refletindo o amor de nosso Pai, que, como filhos, possuímos igualmente em nosso íntimo, em manifestação progressiva a caminho da plena identificação com o Amor Maior que permeia toda a Criação.

“O Livro dos Espíritos” (questão 664).
Transcrito do SEI n° 2210 ●

Poder da Fé

D.Villela



A fé, como apresentada por Jesus no Evangelho, significa um estado íntimo de confiança, de certeza quanto à existência e funcionamento de Leis Divinas, que regulam a vida em suas expressões físicas, morais e espirituais. Ao pleno conhecimento dessas leis, o Mestre acrescia o emprego de sua vontade amorosa na produção de fenômenos perfeitamente normais em relação a esse panorama mais amplo mas que pareciam milagrosos às pessoas de sua época.

A existência de uma ordem natural, regida por leis bem determinadas e capazes, em muitos casos, de possibilitar o controle e a previsibilidade dos fenômenos materiais – como ocorre, por exemplo, com nossos equipamentos eletrônicos – é universalmente reconhecida e utilizada, tendo permitido todo o impressionante avanço da ciência e da tecnologia que continuam a oferecer ao homem recursos novos e mais amplos para sua segurança e bem estar.

Além da continuidade da vida após a morte do corpo – portanto, em dimensões extrafísicas não acessíveis aos nossos sentidos – a religião afirma também a existência de um ordenamento no campo moral, que permite se fale em consequências boas ou más das nossas ações, que, de uma forma qualquer, atinjam outras pessoas, trazendo-lhes benefí-

cios ou prejuízos. Embora as leis humanas já prevejam sanções e compensações quando se trate de danos materiais ou mesmo morais, todos sabemos que isso não ocorre em inúmeras ocasiões, o que leva muitas pessoas, descrentes quanto às afirmativas religiosas, a agir mal, supondo que não haverá consequências para seus deslizamentos se conseguirem ocultá-los da justiça humana.

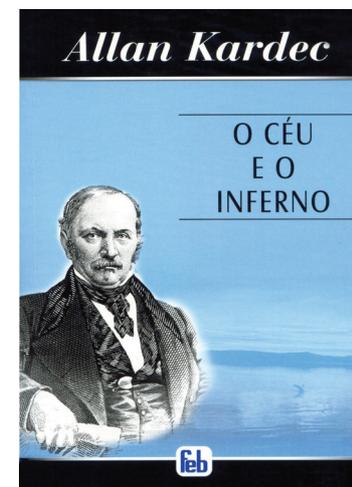
A consciência quanto a esse ordenamento moral – ou seja, a fé – sobretudo quando apoiada no conhecimento racional de sua existência e funcionamento, permite realizações notáveis nesse terreno, com a superação de obstáculos e a solução de problemas no íntimo dos indivíduos ou no grupo social, sejam essas dificuldades oriundas da rotina, ignorância ou má vontade. Constitui, assim, tarefa da fé impulsionar o progresso moral, a que ela confere base e finalidade.

Oportuno lembrar, por fim, o ensinamento de Jesus acerca da fé que, segundo o Mestre, possibilitaria àqueles que a possuísem, mesmo no tamanho do pequeno grão de mostarda, “deslocar montanhas”, numa expressão figurada que destaca, no entanto, toda a importância da fé como aquisição espiritual.

Realmente com máquinas e instrumental adequado é possível, já há bastante tempo, demolir elevações e erguer gigantescas barragens, mas... egoísmo e orgulho, rotina e preconceito constituem obstáculos enormes à felicidade pessoal e coletiva e sua remoção e substituição pela humildade e pela fraternidade representam mudanças imensas até hoje lentamente obtidas, sobretudo, pelo sofrimento, mas que a fé sincera permite realizar de forma muito mais simples, efetiva e plena de alegria.

“O Evangelho Segundo o Espiritismo” (capítulo 19, itens 1 a 5).
Transcrito do SEI n° 2211 ●

Código Penal da Vida Futura



1° - A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições de que não se libertou durante a vida corpórea. Seu estado feliz ou infeliz, é inerente ao grau de sua depuração ou das suas imperfeições.

12° - Não há, no tocante à natureza e duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme. A única lei geral é a de que toda falta recebe uma punição e toda boa ação tem a sua recompensa *segundo o seu valor*.

13° - A duração do castigo está subordinada ao melhoramento do Espírito culpado.

O Espírito é assim e sempre o árbitro do seu próprio destino. Pode prolongar os seus sofrimentos pelo seu endurecimento no mal e abrandá-los e até mesmo abreviá-los pelos seus esforços em praticar o bem.

16° - O arrependimento, conquanto seja o primeiro passo para o melhoramento. Mas ele apenas não basta, sendo necessárias ainda a *expiação e a reparação*. ●

A VOZ DOS BENFEITORES

“Alguém” e Sua História

Eis que “Alguém” chegou ao mundo
Com um sentido profundo
De espanto pelo que via
E, até então, desconhecia.
Recebeu, como outros tantos
Da Terra, todos encantos
Das flores tão perfumadas
A contornarem as estradas.

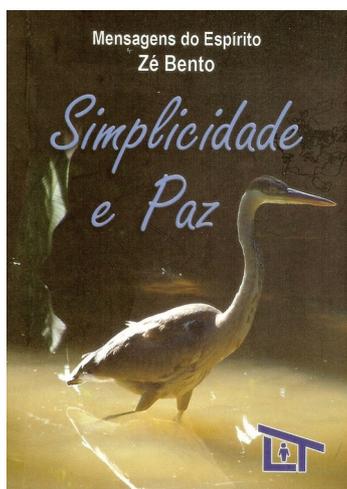
Com o tempo, aquele
“Alguém”,
Sem distinguir o Mal do Bem,
Foi um pouco sem juízo,
Crendo estar no paraíso.
Os séculos foram passando
E esse “Alguém”
aproveitando
Luxo, riqueza, esplendor,
Sem jamais pensar na dor.

Mas, no decorrer dos anos,
Ao peso dos desenganos,
Esse “Alguém” não resistiu

E ajoelhado pediu:
-Dá-me uma chance Senhor
de conhecer a Paz, o Amor!
- “Dá-me a benção do
Trabalho
Para eu saber quanto valho!

Hoje, sem que eu mesmo
queira,
Me vejo menor que a poeira
Espalhada pelo vento
Da tristeza e desalento...”
Você já compreendeu
Que aquele “Alguém” era eu?!
Então, minha irmã querida,
O Senhor mudou minha
vida!

Por Sua Bondade Infinita,
Cheguei a esta Terra bendita,
Onde a Bondade reluz.
E todos louvam a Jesus.
Não mais palácio ou tesouro,
Não mais coroas de ouro,
Mas, sim, humilde choupana,



E roça de milho e cana!

Vestia roupa limpinha,
Por bondade da vizinha.
Mas, em troca da bondade,
Pra lhe dar serenidade,
À noite, viola eu tocava,
Porque isso a consolava.
Ah! Meu Jesus tão Amado!
Como inda amo o roçado!

O tempo assim tem passado,
E eu aprendo com cuidado
O valor de outra riqueza,
Como ensina a Natureza:
Se planto o Bem, colho o Bem,
Se não agrido a ninguém,
Colho frutos de amizade
E sinto felicidade.

Você, de fato, entendeu
Que aquele “Alguém” era eu?
Eu era cego... lá trás!
Hoje tenho Fé e Paz!
Amo minha roça de cana,
A lua que beija a choupana,
O grilo que ouço cantar
E a pombinha a arrulhar...

O bem-te-vi que anuncia
Que já está chegando o dia...
Crianças indo à escola...
Meninos jogando bola...
E eu saio pra trabalhar
Mas, fico à noite a cantar.
Por isso, aqui me apresento:

Meu nome hoje é “Zé Bento”.

Já lhe contei minha história,
E lhe digo: a maior glória
É ser rico de Bondade,
De Fé e Simplicidade.
Pro mundo sou um “Zé”
qualquer,
Mas, quando você quiser,
Vou lhe inspirar ou lhe ouvir,
Sem nada a você pedir.

Serei o irmão que dirá:
-“Conte comigo”! E fará
Uma prece em seu favor,
Com a certeza de que o
Amor
Que nos envia Jesus
Há de lhe dar Paz e Luz.
E, aqui estou pra lhe servir,
Nos dias que hão de vir...

Zé Bento
Transcrito do livro:
Simplicidade e Paz ●

Descobre a Doçura Dentro de Ti...

No momento de ajudar,
medita em como gostarias
que o auxílio te chegasse
ternamente...

Descobre a Doçura dentro de ti e deixa que ela embale os minutos de tua Convivência em Família. A Brandura espalha vibrações suaves, despertando a Simpatia e a Confiança dos que caminham lado a lado. Ligando-te assim a eles, pelos elos do Amor e do Respeito, estás construindo, na estrada do Tempo, as bases do amanhã.

Segue a Jesus, conduzindo em vibrações de Paz e Confiança aos que, lado a lado contigo, estão descobrindo a Alegria de Amar e Conviver. Valoriza e aben-

çoa o tempo que desfrutas junto a eles, exigindo menos e amando mais! Serás, com certeza, mais feliz, espalhando à tua volta a Ternura desses pequenos tesouros - tuas migalhas de luz ... tuas migalhas de Paz!

No momento de ajudar, antes de falar, afaga! Antes de agir, compreende! Antes de corrigir, pacifica! Não é difícil ajudar... Basta que imites Jesus!

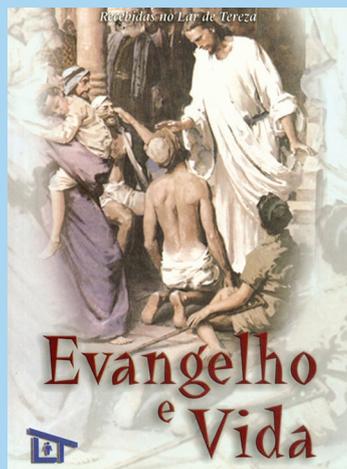
Cria em torno de ti um clima de Paz e Doçura, cultivando em teu coração a Compaixão, a Bondade, a Doçura e a Compreensão. Inicia, ainda hoje, esse programa de Paz.

Icléia
Transcrito do livro:
Liberta-te, Alma Irmã! ●

No Exercício da Palavra

Tu, porém, prega o que esteja em harmonia com a sã doutrina.

– Paulo (Tito – 2:1.)



Dizem os sábios da Antiguidade: *És senhor da palavra que não disseste e escravos da que proferiste.*

Sendo assim, cuida bem de teus discursos...

Há palavras que, embora nascidas de bons intentos, surgem revestidas com o fel do azedume, criando em quem as ouve a sensação de angústia...

Outras há que expressam a justiça, mas surgem envolvidas no véu escuro das cobranças, criando em quem as registra, o sentimento de culpa...

Outras, ainda, aparentam concordância, mas chegam recheadas de dúvidas, dando origem a desconfiças.

Atenta, igualmente, para a tua voz, a fim de que ela não se apresente como um ingrediente avinagrado, descaracterizando a tua mensagem de estímulo ou de concórdia.

Observa o momento em que falas, para que não se torne em fator de repulsão, porquanto para tudo há um momento certo.

Toma, por princípio, a vigilância, procurando analisar como te sentirias interiormente, se fossem os seus ouvidos que assinalassem o que teus lábios lançam nos ouvi-

dos alheios.

Mede as consequências do que pretendes dizer, para que o arrependimento não te surpreenda mais adiante, arrancando-te lágrimas de compunção.

Domina o teu primeiro impulso, evitando que, pela precipitação, não venhas a destruir o valor do que tens a dizer.

Reflete antes; fala depois.

Calar é sempre melhor, quando não conseguires conter teu pensamento nem clarificar teu sentimento.

Falar, sim, mas apenas como recomenda a sã doutrina, isto é, só falar quando seja o Amor que nos inspire, levando quem nos ouve aos caminhos da Paz.

Icléia
Transcrito do livro:
Evangelho e Vida ●

ATIVIDADES DO



Festas Juninas

Elisa Hillesheim

Que objetivos levam uma Casa Espírita a realizar festas de cunho popular?

Vamos, então, à primeira festa: dia 30 de junho, Austin, Casa de Renato, dependências da Escola de Icléia. Convidados: crianças e jovens que frequentam a evangelização na Casa de Renato, aos sábados – manhã e tarde.

Quem organiza a festa? Pela manhã de sábado, lá estão os três grupos da Juventude da Sede, em Copacabana, e evangelizadores que coordenam os 22 grupos de crianças e adolescentes, organizando as barraquinhas de jogos, em três pátios, colocando cartazes para sinalizar as mesas com comidinhas típicas.

Às 12h, parte de Copacabana, um ônibus fretado, mais carros com pais e crianças da evangelização que se realiza na Escola Atchim, no Jardim Botânico. No ônibus, seguem participantes do Grupo Básico e de O Livro dos Espíritos, noite - Cursos do ESDE - que, com antecedência, juntaram prendas para os jogos e ofereceram doces, bolos, pipoca, canjica, cachorro quente, refresco, para todos os participantes da festa. O milho cozido, ofertado pelos pais do Atchim; salsichão no espetinho, oferta de colaborador da Casa, completaram o cardápio junino.

As crianças e jovens chegam caracterizados: brincam, divertem-se, de acordo com a faixa etária, enquanto as mães e os bebês, em sala separada, são estimuladas a participar de brincadeiras, recebem brindes e deliciam-se com as mesmas comidinhas.

A festa, então, transforma-se em grande confraternização entre a comunidade e o LT, campo de trabalho e de experiências educativas para novos cooperadores.

Final de festa: quadrilha no pátio da Escola. Crianças, jovens e adultos; doutores e pouco escolarizados dão-se as mãos.

Também visando a confraternização entre os cooperadores, o Núcleo do LT, no Anil, que tem o nome de Núcleo Emmanuel, organizou um almoço, barraquinhas e jogos típicos no salão de festa de Condomínio no Anil.

Encontros alegres entre companheiros do Núcleo e Sede; crianças, jovens e famílias apresentando-se em lindas canções. Artesanato, confeccionado pela Juventude e pelo grupo infantil da evangelização; mesas com sobremesas, doces, mostravam a dedicação e a conjugação de esforços de todos os trabalhadores do Núcleo em favor da obra de Promoção Social da Casa, e, principalmente, em favor do conagraçamento fraternal.

Motivo de muita alegria para todos foi a presença de D Brunilde – fundadora do LT – que deu início à festa com palavras carinhosas e estimuladoras.

Também no NE, a quadrilha, reunindo a diversidade, encerrou a festa junina para os convidados. Para os organizadores do NE, restava ainda muito trabalho! ●



LAR DE TEREZA

Jovens e Evangelização

Thais Santana, Jessica Cezar e Hanna Melo



Dedicação ao próximo e transformação moral são partes resultantes do trabalho abnegado e constante

“Um ato de amor” ou uma “oportunidade de servir e aprender a amar”. Estas são apenas algumas das formas para definir o trabalho de evangelização. Cada vez mais jovens têm participado e, mesmo aqueles que ainda não podem contribuir, já compreendem a importância da atividade, que também pode ser definida como oportunidade de crescimento e prática do conhecimento da Doutrina Espírita.

Alguns evangelizam desde cedo, como é o caso de Rosana Seager, hoje com 22 anos. Ela conta que, a princípio, iniciou o trabalho por intermédio do namorado, Cauê Capillé, de 24 anos, que também é evangelizador, mas que permaneceu porque sentiu que estava no “lugar certo”. Em sua opinião, o trabalho é muito gratificante e tem como um dos aspectos mais interessantes a inserção de crianças e outros jovens, que estão em fases de muitas mudanças e descobertas. “A evangeliza-

ção é de extrema importância, pois é um espaço de troca, de aprendizado, de preparação para a vida fora da Casa Espírita; um momento em que partilhamos experiências e nos sentimos inseridos num grupo que nos aceita da maneira que somos”, afirma.

Já Cauê considera este um “trabalho transformador” para ele mesmo e para cada jovem que participa. “Não tenho a pretensão de modificar o mundo para aquela criança, mas acho que posso me modificar para que ajude aquela criança a melhorar seu mundo”, diz.

Vontade

Versus Desafios

Há aqueles que iniciaram há pouco tempo sua jornada por esta seara fraterna, como é o caso de Karmel Arruda, de 19 anos, que auxilia na evangelização do 1º Ciclo, em Austin. Outros, porém, como Roberta Magalhães, de 22 anos, enfrentam desafios que podem impedir o enga-

jamento imediato nas atividades da Casa.

Karmel destaca a aceitação e o carinho que as crianças tiveram com ela, que ficou conhecida como “Tia Caramelo” desde o primeiro dia. “Eu já estava decidida que, assim que entrasse pra faculdade e tivesse mais tempo na minha rotina, evangelizaria no Lar de Tereza. E, com o tema da COMEERJ desse ano (‘O Futuro é agora, por que te deténs?’), ganhei ainda mais incentivo para realizar esse trabalho”, conta ela.

Roberta, entretanto, reforça que a grande dificuldade está justamente em conciliar emprego, faculdade e cursos com os horários da evangelização. Além disso, ela também destaca a falta de confiança em si mesmo para começar a auxiliar: “Às vezes pensamos que é necessário conhecer muito o Espiritismo para se integrar a qualquer trabalho na Casa Espírita”. O que não significa que a importância do trabalho não seja re-

conhecida, como explica ela: “Sem dúvida é um trabalho superimportante que, além de ajudar e auxiliar outras pessoas, faz muito bem àquele que está ajudando.”

A presidente do Lar de Tereza, Elisa Hillesheim, reconhece que há uma dificuldade natural na preparação dos novos colaboradores. “O tempo é sempre curto, mas os convites para que participem da estrutura da Casa são constantes, respeitando-se as possibilidades de cada um”, lembra.

Continuadores

Naturais da Obra

Na opinião de trabalhadores mais experientes, não existe idade certa para o jovem começar a evangelizar. Mas, segundo eles, maturidade, disposição e disciplina são mesmo fundamentais.

Para a coordenadora da Juventude Espírita Irmã Scheilla, Sussu Capillé, podem ser acrescidos, ainda, experiência de vida para auxiliar, sensibilidade para aju-

dar na compreensão de quem é evangelizado e criatividade para tornar atrativo o assunto a quem ainda não despertou para o pensamento filosófico.

A psicóloga Delfina de Almeida ressalta que uma base doutrinária sólida e alegria no estudo permanente do Evangelho e da Doutrina também são necessárias. Para ela, a contribuição do jovem, quando sintonizado com os objetivos do trabalho espiritual, traz vibrações de esperança, de fé e de amor. “É a renovação dos pilares de sustentação do trabalho”, diz.

Elisa concorda. Em sua opinião: “Estudar a Codificação, conhecer elementos básicos de Psicologia Infantil, estar presente nas reuniões de planejamento e avaliação são passos importantes para o jovem voluntário. [...] Na Casa Espírita, como em toda atividade humana, o revezamento, a preparação de substitutos é essencial. Os jovens são olhados como continuadores naturais da obra.” ●

O Nosso Espírito e a Saúde

Teresa Carrola



Quando falamos de educação em termos espirituais, podemos entendê-la como a interiorização de qualidades morais que vamos adquirindo gradualmente na escola de cada existência física, através da correção das imperfeições individuais. São vários os desafios com que nos defrontamos na aquisição desses valores morais. Acreditamos neles mas nem sempre agimos ou pensamos com moralidade. E quase nunca paramos para pensar como esta é importante para a saúde do nosso corpo físico.

Embora muitas doenças sejam cármicas, como é a necessidade de correção dos nossos desvios do cumprimento das leis divinas, de um modo geral, as atitudes intempestivas, os hábitos negativos, as paixões e os deslizamentos morais na existência atual provocam desajustes psíquicos que se refletem no nosso corpo somático.

Apesar dos vírus, das bactérias e de outros microorganismos causarem debilidade física e mental, eles não são os causadores de muitas enfermidades, uma vez que se alimentam das células em que a energia ficou enfraquecida. Podemos assim entender que o Espírito é sempre o responsável pois que a maldade, não fazendo parte da nossa natureza divina, é uma doença contraída por nós mesmos quando cultivamos a rebeldia perante a nossa obrigação de cumprirmos as leis divinas e que necessita, portanto, da terapia da dor para retomarmos o caminho da evolução moral. Certamente que as terapias convencionais ajudam

na recuperação da saúde, na sua relativa manutenção. Os medicamentos removem os sintomas mas não restituem o equilíbrio como se deseja.

Apenas será restaurado o equilíbrio quando a fonte que conserva as energias saudáveis – o espírito – irradiar as energias que alimentam o corpo. Embora aparentemente a pessoa esteja recuperada, o desequilíbrio reaparece, mas com outro quadro patológico. Só os fatores internos que se refletem num comportamento emocional e social harmonizado podem criar as condições permanentes de bem-estar e promover o nosso equilíbrio estrutural.

Há correntes magnéticas que circulam pelo nosso organismo e que obedecem ao comando da mente. E a natureza desse magnetismo está essencialmente subordinada à estrutura da nossa personalidade, o que somos, o que pensamos, o que desejamos.

A Doutrina Espírita ensina-nos a raciocinar e traça-nos várias diretrizes – o combate diário de sentimentos inferiores, o hábito saudável do exercício mental, da prece, das leituras edificantes, das conversas construtivas, das ativi-

dades no bem que dinamizam as energias psíquicas e sintetizam a mente com as forças do bem, criando harmonia interior e equilíbrio comportamental, ao mesmo tempo que dão origem a uma psicofera positiva. Como a mudança íntima provoca desagregação das energias negativas que acumulamos no perispírito devido à conduta negativa, a força da energia mental positiva, a conduta moralizada, têm repercussões excelentes no nosso equilíbrio orgânico.

Aceitemos, portanto, o desafio de aprendermos a cuidar do nosso espírito. Começemos por olhar para dentro de nós próprios, esforcemo-nos por eliminar os erros que estão no nosso íntimo e iniciemos a mudança vibratória para o bem. Assim procedendo, estaremos a conduzir fluidos positivos para o nosso sistema energético e imunológico, melhorando o nosso estado de saúde. Para nortear este desafio de educação interna, interiorizemos o ensinamento sempre atual do Mestre: fazer aos outros o bem que desejaríamos que nos fosse feito.

Da revista “A Libertação”,
Lisboa – Portugal ●

Imigrantes Espirituais

D. Villela

Não existe no âmbito do conhecimento histórico uma explicação satisfatória para o surgimento das grandes civilizações da Antiguidade, com escrita, leis e tecnologia, em meio a povos atrasados que prosseguiram em seu estágio primitivo de desenvolvimento intelecto-moral. Graças à Doutrina Espírita podemos conhecer as razões desse fato.

Falando sobre a pluralidade dos mundos habitados, esclareceram os benfeitores espirituais que a Terra hospeda apenas uma das inúmeras humanidades disseminadas pelo Cosmo, coletividades estas que estagiam em diferentes graus de evolução, achando-se a nossa, por sinal, em nível ainda primário nessa escala – apesar de suas realizações no campo da inteligência – como o atestam a ignorância, a violência e o egoísmo ainda tão presentes entre nós. Informaram também aqueles orientadores que essas coletividades são solidárias havendo uma natural circulação de indivíduos entre as mesmas, passando alguns – por atingirem o grau de progresso que seu planeta comporta – a mundos mais adiantados de onde, por outro lado, deslocavam-se outros para orbes ainda atrasados, em tarefas de educação para os seus habitantes. Explicaram ainda que por vezes esse fluxo se verificava em volume maior quando grupos numerosos eram transferidos, habitualmente por não haverem acompanhado – por negligência ou rebeldia – o progresso das comunidades a que pertenciam, sendo então deslocados para mundos mais atrasados nos quais, em meio ao ambiente para eles hostil e grosseiro, face às conquistas

que já haviam realizado no terreno da inteligência, iam enfrentar as conseqüências de seu descaso pelas Leis Divinas aprendendo a respeitá-las para seu próprio bem, levando, ao mesmo tempo, aos habitantes desses planetas a contribuição de seus conhecimentos e experiências nos campos da ciência, da arte e da organização social.

Foi um episódio desses que ocorreu com a Terra há alguns milhares de anos quando um contingente desse tipo aqui aportou para estágio educativo-expiatório, formando nossas civilizações antigas e proporcionando aos povos propriamente terrestres vigoroso impulso de progresso.

A literatura doutrinária posterior ampliou essas informações mostrando a distribuição e as principais características desses imigrantes espirituais e os benefícios que nos legaram, acrescentando que nosso planeta aproxima-se de um processo análogo, quando todos aqueles que se obstinam no mal, apesar da presença milenar da religião e de vinte séculos da Boa Nova, deverão ser encaminhados a mundos menos desenvolvidos, compatíveis com a sua dureza de sentimentos, onde, à semelhança do que ocorreu conosco no passado, irão educar-se, educando ao mesmo tempo seus irmãos ainda iniciantes na jornada evolutiva.

Mostra assim o Espiritismo que as Leis de causa e efeito e progresso e o mecanismo da reencarnação, cujo funcionamento estudamos habitualmente em nível individual, operam igualmente em termos coletivos sempre sob a direção sábia e amorosa de nosso Pai, com vistas à nossa felicidade. ●

A Música na Época de Allan Kardec

Sandra Malafaia



Berlioz



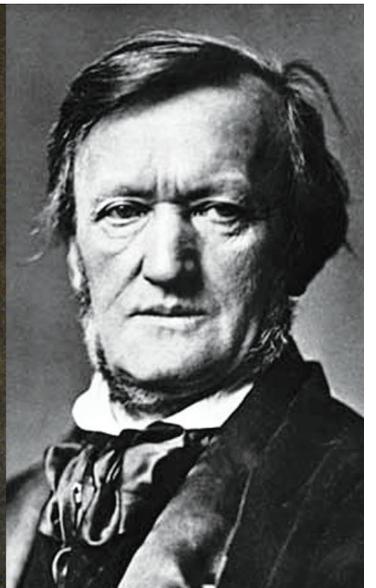
Mendelssohn



Chopin



Liszt



Wagner

O programa Novos Rumos, da Rádio Rio de Janeiro, dedicou uma edição especial, enfocando a música na época de Allan Kardec. Para falar sobre o assunto, a apresentadora Nadja do Couto Vale convidou Beatriz Helena da Costa Nunes, apreciadora de música clássica e assessora, durante 12 anos, da grande pianista Guiomar Novaes, conhecida internacionalmente.

Beatriz é uma das escritoras do livro **“Em Torno de Rivail: o Mundo em que Viveu Allan Kardec”**, editado pela editora Lachâtre, em outubro de 2004, como homenagem de um grupo de professores universitários e especialistas em várias áreas, no ano do bicentenário de Allan Kardec.

Assim, Beatriz Helena destacou alguns aspectos de seu artigo **Notas de Uma**

Viagem Musical Escalas e Escolhas em Paris, reportando-se às impressões experimentadas em diversos salões de concerto e teatros de ópera na cidade, no século XIX.

Centro de convergência de ideias, valores e propostas em ebulição cultural, Paris foi a cidade escolhida para a divulgação do Espiritismo – através de Allan Kardec – que mais tarde se espalharia pelo mundo inteiro, especialmente no Brasil.

E quais eram as músicas de destaque naquele tempo? Seria por acaso o sucesso de compositores, nascidos nessa época? Beatriz explicou:

“Nota-se plenamente o planejamento espiritual, em que vários compositores nasceram numa extraordinária cronologia de tempo: Berlioz, em 1803; Mendelssohn, em 1809; Chopin e Schumann,

em 1810; Liszt, em 1811; e Wagner, em 1813”, explica Beatriz.

Nadja pediu que Beatriz comentasse sobre algumas dessas músicas de então. Após tocar um trecho de Nocturno, de Chopin, Beatriz Helena comentou que Paris daquele tempo era onde corria um rio de inspiração.

“Essa música representa um mergulho interior, intimista, se libertando do classicismo, que engessava a música em formas muito rígidas. Representa um resgate de danças, lendas, canções, melodias populares, guardadas no íntimo dos povos que nós sabemos hoje que é o inconsciente coletivo, que a espiritualidade utiliza e que, nessa ocasião, eclodiu como um verdadeiro despertar musical dos povos”, afirmou.

O programa tocou ainda

uma parte de **Coro dos Peregrinos**, de Wagner, e Beatriz também teceu comentários sobre Hector Berlioz e Liszt, este último que inovou na técnica pianística e na apresentação, colocando-se de perfil para a plateia, onde se podia verificar a linha de face e as mãos eletrizadas sobre o teclado.

Mesas Girantes

O cancan, de Ofenbach, era o frisson daquela época. Segundo Beatriz, ele era idolatrado na sociedade burguesa – sociedade que se interessou pelas mesas girantes. “Kardec encontrou no ambiente, aparentemente frívolo das mesas girantes, a razão para descobrir algo maior que nos deu essa libertação que é a compreensão da espiritualidade e a explicação da vida”, comentou Beatriz.

Para esclarecer aos ouvintes, Nadja perguntou a Beatriz

se os espíritos também são sensíveis à música. Beatriz, então citou uma resposta lançada à pergunta 251 de **O Livro dos Espíritos**: (“São sensíveis à música os Espíritos?”)

Resposta: “Aludes à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por lhes não ser dado ainda compreenderem outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado pode a imaginação espiritual conceber.” ●

O Filme: E a Vida Continua...

Está previsto para o dia 31 de agosto, a estréia do filme **E a Vida Continua...** uma adaptação do livro de mesmo nome, do Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier. Direção e roteiro de Paulo Figueiredo, pro-

dução da Versátil Digital Filmes e VerOuvir Produções e no elenco, como atores principais Lima Duarte, Ana Rosa, Luiz Baccelli, Amanda Acosta e outros.

E a Vida Continua... é a história de um homem de 50 anos, Ernesto Fantini,

e de uma mulher, Evelina Serpa, de 25, que se encontram nos últimos dias da vida física, em circunstâncias dramáticas: abalos morais e a saúde bastante comprometida pela mesma enfermidade grave... Encontros e fatos foram

interpretados como “coincidências da vida”. Os dois se reencontram após a morte do corpo e no Plano Espiritual verificam que muitos são os laços que unem as criaturas pelos séculos e que as coincidências não existem. ●



OS ESPÍRITOS DO LIVRO

Joana d'Arc

Rodrigo Bentes



Joana d'Arc

Não há como contar a história de Joana d'Arc sem associá-la à chamada Guerra dos *Cem Anos* (1337-1453) entre França e Inglaterra. Na primeira metade do século XIV, havia se instalado na monarquia francesa uma crise sucessória, pois nenhum dos três filhos do rei francês Felipe IV (1285-1314) assumiu a coroa deixando um herdeiro direto. Data desta época a formulação de uma lei fundamental na transmissão do poder régio na França, a lei sálica. Segundo ela, somente os herdeiros varões, do sexo masculino, poderiam ser reis da França, devendo receber este direito, sempre, por descendência masculina, nunca feminina. Desse modo, ao extinguir-se a linhagem capetíngia direta, buscou-se o herdeiro do trono francês num primo da família Valois, então o novo rei Felipe VI (1328-1350). No entanto, o rei inglês Eduardo III (1327-1377) descendia de uma princesa francesa, e reivindicou aquela coroa. Os reis

ingleses possuíam feudos na França, sendo vassallos dos reis franceses, o que denotava certa integração entre as dois poderes no continente europeu. Iniciou-se assim o longo conflito, primeiramente com campanhas agressivas inglesas em território francês, nas invasões comandadas pelo próprio Eduardo III, por seu filho, o Príncipe Negro de Gales, enfim por Henrique V (1413-1422), que conquistou a França em 1415, na célebre batalha de Azincourt.

A camponesa Joana nasceu em 1412, na aldeia de Domrémy, na Lorena, em meio à conquista inglesa. Henrique V Lancaster casou-se com a filha do rei francês deposto Carlos VI, que abdicou da coroa em favor do genro. O domínio inglês sobre a França continuava com o herdeiro desta união, Henrique VI (1422-1461/1470-1471), favorecido pela aliança entre a Inglaterra e o ducado da Borgonha. No leste francês, os duques da Borgonha mantinham uma política independente e expansionista em relação à realeza dos Valois.

Nesse quadro complexo, Joana começou a ouvir vozes que ela identificava como de São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida. Sua determinação fez com que fosse recebida pelo delfim Carlos de Valois, filho do destronado Carlos VI, no castelo de Chinon. Ali, foi examinada e interrogada pelos teólogos, sendo-lhe permitido participar

das batalhas contra os ingleses. Não obstante o tom ingênuo de suas cartas enviadas aos adversários, pedindo-lhes que se retirassem da França, pois este era o comando de Deus, Joana teria sucesso à frente das forças francesas em Orléans, na Normandia, suspendendo o cerco inglês apenas oito dias após a sua chegada, em maio de 1429.

Sucederam-se outras vitórias, até que Joana conseguiu fazer o rei Carlos VII (1429-1461) ser coroado em julho na tradicional catedral de Reims, então sob controle borguinhão. Este foi um acontecimento decisivo, que fortaleceu a legitimidade do novo rei francês. Mas, após o triunfo desta sacração, Joana tornou-se um simples peão no tabuleiro político das negociações com os ingleses e borguinhões. Isso explica seu fracasso em Paris, onde foi ferida em setembro de 1429 e capturada no ano seguinte. Foi então vendida aos ingleses pelos borguinhões e não teve o apoio de Carlos VII.

Seu processo foi conduzido por um conselheiro do rei inglês Henrique VI, o bispo de Beauvais, que não levou em conta as testemunhas lorenas favoráveis a Joana. Joana foi acusada de feitiçaria, pois esta era a época da caça às bruxas em vários países da Europa. Após consulta à Universidade de Paris, foi julgada suspeita de heresia, idolatria, invocadora de demônios e apóstata, sendo assim condenada à

morte. Foi então queimada viva aos 19 anos, em 30/05/1431, em Rouen. Na realidade, a questão da unidade da França contra a Inglaterra passava pela reconciliação com a Borgonha, anexada definitivamente ao reino francês em 1477. Outros aspectos contribuíram bastante para a vitória francesa na guerra em 1453: o uso de canhões, o imposto em prol da guerra – a talha real – cobrado em todo o território, a cavalaria francesa, e as concessões aos nobres franceses feitas pelo rei Carlos VII, favorecendo sua adesão à luta contra os ingleses.

Entretanto, em 1450, o processo de Joana foi revisto. Reabilitada em julho de 1456, ela se tornaria depois uma espécie de mito patriótico da França medieval no século XIX. Por sua vez, desde 1789, com o início da Revolução Francesa, os republicanos tendiam a “secularizar” a figura de Joana d'Arc, afirmando que, ao invés dos santos, ela ouvia a “voz de sua consciência”. Ela foi canonizada em 1920 e finalmente proclamada patrona da França em 1922, em situação igual a Teresa de Lisieux, canonizada em 1925.

Nesse contexto surge o livro de León Denis, sobre *Joana d'Arc Médium*, no início do século XX. Nele, o pensador espírita francês relaciona-a a uma cultura celta profunda, existente desde há muito na França. Até hoje, Joana d'Arc é um elemento de difícil elaboração para os

historiadores: como uma camponesa semi-analfabeta tornou-se um elemento decisivo na guerra? Segundo a literatura espírita, havia um sentido maior em conservar o território francês unificado naquela época, para as realizações do porvir: Ilustração, Revolução Francesa, e o próprio Espiritismo.

Em *O Livro dos Médiuns*, no capítulo dedicado às “disserções espíritas”, há uma mensagem do espírito de Joana d'Arc, na qual ela ressalta a sua missão especial de testemunhar ante todos a sua mediunidade. Alude ao perigo dos elogios e do orgulho junto aos médiuns, que podem tornar-se então joguetes nas mãos dos maus espíritos, abandonados pelos bons. Ao atribuírem-se um mérito que não lhes pertence, podem mesmo ter retirada a sua faculdade. Parece ter sido mesmo essa a tarefa deste espírito enquanto encarnado, ao desafiar poderes instituídos simplesmente pela convicção das vozes que ouvia. ●

Bibliografia:

- DENIS, León. *Joana d'Arc Médium*. Rio de Janeiro: Feb, 2008.
 GUINLE, Jean-Philippe. *Les Souverains de la France*. Paris: Bordas, 1995.
O Livro dos Médiuns, capítulo XXXI, item XII.
 SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria & Nobreza no fim da Idade Média*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1990. ●

LAR DE TEREZA

Instituição Espírita Cristã de Estudo e Caridade CALENDÁRIO DE ATIVIDADES - 2012

MESES	DIAS	EVENTOS / ATIVIDADES	HORA	LOCAL
AGO	01	Início do Grupo de Estudos: PRELIMINAR NOITE/2012	19:30h	Núcleo Paulo e Estevão
	02	Início do Grupo de Estudos: PRELIMINAR TARDE/2012	16h	Núcleo Paulo e Estevão
	03	Início do Grupo de Estudos: PRELIMINAR MANHÃ/2012	8h	Sede
	26	Ciclo de Palestras: Encontro com Jesus	10h	Núcleo Paulo e Estevão

Lar de Tereza - Instituição Espírita Cristã de Estudo e Caridade:

Reuniões Públicas
 Av. Nª Sª de Copacabana, 709,
 5º andar
 4ª FEIRA - 8h30 - 19h30
 Av. Nª Sª de Copacabana, 462b,
sobreloja
 2ª FEIRA - 14h - 17h30 - 19h - 20h30
 3ª FEIRA - 8h30
 4ª FEIRA - 14h
 6ª FEIRA - 14h - 18h - 20h
Núcleo Emmanuel
Jacarepaguá:
 Estrada do Engenho D'água, 712,
 Anil.
 3ª FEIRA - 14h
 4ª FEIRA - 20h
Casa de Renato
Austin - Nova Iguaçu
 Av. dos Inconfidentes, 1.105
 SÁBADO - 17h

Novos Rumos

NOTICÁRIO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA

Publicação do Lar de Tereza
 Instituição Espírita Cristã de
 Estudo e Caridade.
 Avenida Nossa Senhora de
 Copacabana, 709, grupos 501
 a 504, 506 e 508, Copacabana,
 Tel.: 2236-0583.

Pres.: Maria Elisa Hillesheim
Vice-Pres.: João Aparecido
 Ribeiro
Dir. de Estudos Doutrinários:
 Elizabeth Martins

Jornalista responsável:

Sandra Malafaia
 (reg. n. 19.272)